

FREUD E A DESCOBERTA DO INCONSCIENTE: SOBRE UMA FERIDA NARCÍSICA DA HUMANIDADE

Ana Luiza Barbosa *
Caroline Vasconcelos Ribeiro **

DOI: <https://doi.org/10.52521/occursus.v9i1.12311>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo examinar a perspectiva freudiana acerca das feridas narcísicas que abalaram a humanidade e a relevância do conceito de inconsciente para a compreensão do funcionamento psíquico humano. O argumento chave é que as feridas narcísicas, resultantes de eventos científicos que abalaram certezas que imperavam na humanidade, têm um impacto profundo na relação do indivíduo consigo mesmo e com o mundo. Para alcançar esse objetivo, o artigo adota uma abordagem teórica, baseada na pesquisa de natureza bibliográfica, utilizando como fontes primárias textos de Sigmund Freud e como fontes secundárias, obras provenientes de comentadores da psicanálise. Em conclusão, o artigo ressalta a importância de considerar não apenas a dimensão racional do ser humano, tão defendida pela filosofia moderna, mas também a dimensão inconsciente, que não funciona sob regimento da consciência racional. O texto propõe uma reflexão crítica sobre a influência do inconsciente e o que Freud nomeia de terceira ferida narcísica da humanidade, que destrona a racionalidade como elemento primordial que responde pelo ser humano.

PALAVRAS-CHAVE

Freud. Feridas narcísicas. Inconsciente. Psicanálise.

ABSTRACT

This article aims to examine the Freudian perspective on the narcissistic wounds that have shaken humanity and the relevance of the concept of the unconscious for understanding human psychic functioning. The key argument is that narcissistic wounds, resulting from scientific events that shook certainties that prevailed in humanity, have a profound impact on the individual's relationship with themselves and the world. To achieve this objective, the article adopts a theoretical approach, based on bibliographic research, using texts by Sigmund Freud as primary sources and works from psychoanalytic commentators as secondary sources. In conclusion, the article highlights the importance of considering not only the rational dimension of the human being, so defended by modern philosophy, but also the unconscious dimension, which does not function under the rules of rational consciousness. Therefore, a critical reflection is proposed on the influence of the unconscious and what Freud calls the third narcissistic wound of humanity, which dethrones rationality as the primordial element that responds for the human being.

KEYWORDS

Freud. Narcissistic Wounds. Unconscious. Psychoanalysis.



* Licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

** Professora do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e do Programa de Pós-graduação em Memória, Linguagem e Sociedade (PPGMLS/UESB).

1 INTRODUÇÃO

No âmbito da psicanálise, as feridas narcísicas ocupam um lugar central na compreensão do ser humano. De acordo com a teoria desenvolvida por Sigmund Freud (1917/1996), essas feridas representam experiências traumáticas que afetaram a humanidade e, conseqüentemente, a relação do indivíduo consigo mesmo e com o mundo. Objetivamos aqui examinar como Freud entende os golpes cosmológico, biológico e psicológico que abalaram as crenças humanas e realçar como o pai da psicanálise explica este último a partir do entendimento de que o inconsciente destronou a racionalidade como elemento que responde pelo ser humano. Defendemos a hipótese de que a conceituação freudiana acerca do inconsciente abalou a ideia, muito defendida pela cultura em geral e pelo pensamento filosófico moderno em particular, de que é a racionalidade consciente que define o ser humano.

Para atingir esse objetivo, adotamos como metodologia a revisão bibliográfica.¹ Essa abordagem metodológica desempenha um papel fundamental no processo de investigação científica, permitindo a análise e a síntese crítica de conhecimentos estabelecidos. Nossa revisão bibliográfica consistiu em um levantamento e análise sistemática da literatura disponível sobre a maneira como Freud pensou as feridas narcísicas da humanidade, com ênfase na função desconstrutora do conceito de inconsciente. Com isso, identificamos e avaliamos as contribuições teóricas apresentadas pelo pai da psicanálise e as cotejamos com a visão moderna de ser humano, especialmente a cartesiana.

Segundo Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica é uma importante ferramenta para a construção do conhecimento científico, pois permite ao pesquisador familiarizar-se com as principais teorias, conceitos, argumentos e debates existentes na área de estudo. Por meio dessa abordagem, buscamos compreender os conceitos fundamentais propostos por Freud em relação às feridas narcísicas, bem como a importância do inconsciente na constituição do sujeito e no abalo da definição do humano como um ser racional.

A perspectiva freudiana, embasada em anos de pesquisa clínica e reflexões teóricas, nos permite compreender a complexidade do psiquismo humano, cuja abordagem e percepção diverge da visão filosófica dominante na modernidade, que defendia que a razão e o pensamento lógico definiam a condição humana.² A perspectiva aqui apresentada critica a concepção de ser humano como uma espécie de sujeito soberano, capaz de controlar todas as situações pelo exercício lógico-racional.

Freud (1917/1996) nos mostra que as feridas narcísicas, resultantes de eventos que frustram crenças humanas, tiveram um impacto profundo na forma como nós percebemos a realidade e a nós mesmos. Falaremos disso neste artigo que está organizado em tópicos, na seguinte ordem: “O aparelho psíquico e suas tópicas”, no qual examinamos o aparelho psíquico, um conceito central na teoria psicanalítica. Exploramos as duas tópicas sobre esta máquina e as instâncias que a compõem. Discutimos suas funções, relações e interações, e como cada uma dessas instâncias influencia a nossa vida mental e emocional. No tópico “O começo de tudo: a histeria”, voltamos nosso olhar para uma das primeiras manifestações clínicas estudadas por Sigmund Freud. Investigamos as causas e os sintomas da histeria, destacando seu papel no desenvolvimento da psicanálise. Discutimos as teorias freudianas relacionadas à histeria, com destaque ao papel da sexualidade e dos conflitos psíquicos na sua etiologia. Já no terceiro tópico, “As feridas narcísicas”, analisamos os abalos que afetam a humanidade. Investigamos os impactos psicológicos e culturais que descobertas científicas promoveram em crenças humanas, com destaque especial à descoberta do inconsciente. Por último, tecemos algumas “Considerações Finais” acerca da temática pesquisada.

2 O APARELHO PSÍQUICO E SUAS TÓPICAS

Sigmund Freud (1856-1939) foi um neurologista vienense que fundou a psicanálise. Este termo nomeia um procedimento de investigação de processos mentais inconscientes que estão, inicialmente,

1 Entende-se por pesquisa de cunho bibliográfico a que é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (Gil, 2002, p. 44).

2 Aqui nos referimos, especialmente, à filosofia cartesiana que entende a existência do ser humano a partir da sua capacidade de pensamento racional, a qual é considerada a base do conhecimento que busca compreender toda a realidade. A filosofia de Descartes progrediu da dúvida para a certeza do pensamento e atrelou a certeza da existência ao ato de cogitar e pensar. A mente consciente e racional serviu como garantia de nossa existência. (Descartes, 2000; Marques, 1993).

inacessíveis e utiliza o material que emerge na clínica para o tratamento de distúrbios psíquicos. Trata-se, portanto, de uma teoria baseada na prática clínica. Em outros termos, trata-se de uma nova disciplina científica criada por Freud com base em sua experiência clínica. (Freud, 1923/1996). Ao longo de sua carreira, Freud desenvolveu um conjunto de teorias e conceitos que tiveram um grande impacto no campo da psicologia, bem como na cultura em geral. Um dos conceitos mais importantes é o de inconsciente, que se tornou a base de sua ciência e influenciou muitas outras teorias psicológicas e filosóficas.

O aparelho psíquico é um dos conceitos fundamentais da teoria psicanalítica. De acordo com Laplanche e Pontalis (1969), trata-se de um modelo que se refere ao funcionamento da mente humana e suas estruturas e processos psíquicos. Esse modelo é analógico e não tem pretensão de localização anatômica, serve como uma construção auxiliar formulada por Freud para dar explicabilidade a fenômenos clínicos. (Garcia-Roza, 2003; Ribeiro, 2014) A primeira tópica do aparelho psíquico foi formulada por Freud para explicar a estrutura e o funcionamento do psiquismo humano, sua forma de produzir sintomas, sonhos, atos falhos. Nesta tópica, a máquina psíquica é composta por três instâncias: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente. O inconsciente aqui é um lugar, uma parte do psiquismo que não está disponível para a consciência imediata do indivíduo, mas que influencia de forma determinante suas ações e comportamentos. Para o autor, o inconsciente é o responsável pela maior parte do comportamento humano, e é nele que estão as raízes dos conflitos psicológicos. Na segunda tópica, como veremos, o conceito de inconsciente é reformulado e passa ser uma qualidade psíquica presente em conteúdo que estão nas diferentes instâncias de nossa máquina de produzir sonhos, chistes e patologias.

O termo inconsciente é usado de diferentes maneiras em diferentes contextos, mas a forma como Freud (1987) o usou em sua teoria psicanalítica tem algumas características específicas. Em primeiro lugar, o inconsciente é visto como um aspecto da mente que não é acessível diretamente à consciência. Em outras palavras, não podemos ter acesso consciente aos conteúdos, emoções e desejos que estão armazenados no inconsciente. Na perspectiva da primeira topografia do aparelho, inconsciente é um lugar profundo no psiquismo. De acordo com de Laplanche e Pontalis (1969), o inconsciente é a instância da psique que abriga representações e desejos reprimidos, cujo acesso direto é bloqueado para a consciência.

No horizonte desta primeira tópica, o pré-consciente é composto pelas representações que não estão no campo da consciência imediata, mas que podem ser trazidas à consciência através de um esforço de atenção. Por fim, o consciente é a instância da psique que abriga as percepções e pensamentos que estão acessíveis à consciência imediata. Esses três conceitos são basilares da fundamentação teórica proposta por Freud. Como se pode observar, cada um diz respeito a processos distintos da psique humana.

Freud (1987) utilizou essa primeira tópica do aparelho psíquico para explicar a dinâmica das neuroses, especialmente a histeria. Ele postulou que o conteúdo inconsciente reprimido era a causa dos sintomas neuróticos, e que o objetivo da terapia psicanalítica era trazer esses conteúdos à consciência para que pudessem ser trabalhados, elaborados e integrados à personalidade. Garcia-Roza (2003) explica que Freud desenvolveu essa teoria a partir da observação clínica de seus pacientes, especialmente aqueles que apresentavam sintomas corporais como hiperestesia, paralisias, contraturas musculares, cegueira, afonia, mas sem uma explicação orgânica para eles. Apesar de serem sintomas de natureza corporal, eram inexplicáveis do ponto de vista anatomofisiológico. Ele acreditava que muitos desses sintomas eram causados por traumas e conflitos emocionais que haviam sido reprimidos no inconsciente. Esses traumas e conflitos continuavam a exercer uma influência sobre o comportamento do indivíduo, mesmo que ele não estivesse ciente disso.

No texto *O Inconsciente* (1915/1987), Freud diz que, para a psicanálise, um ato psíquico passa, em geral, por duas fases e que entre ambas há uma espécie de teste (censura). Na primeira fase, o ato e o conteúdo psíquicos se encontram em estado inconsciente, portanto pertencem ao sistema Inconsciente. Se este conteúdo for doloroso, da ordem de algo cuja presença deva ser interdita no consciente, vai ser rejeitado pela censura e não conseguirá a passagem para a segunda fase.

Em casos assim, ele é designado como recalcado ou reprimido e terá de permanecer inconsciente. Entretanto, caso consiga passar – ainda que distorcido – pela censura, não trará consigo um poder de desestruturar o indivíduo, ele ingressará na segunda fase e passará a pertencer ao segundo sistema, o Consciente (Freud, 1987).

O inconsciente pode influenciar nosso comportamento e nossas emoções, mesmo que não tenhamos consciência disso. Por exemplo, uma pessoa pode ter medo de cães sem saber o porquê, e esse medo ter como causa uma experiência traumática em sua infância que foi esquecida conscientemente, mas que ainda está presente enquanto memória inconsciente. Na primeira tópica, o inconsciente é considerado a instância mais profunda da mente humana, onde se encontram os conteúdos reprimidos e os conteúdos instintivos, como as pulsões sexuais. Segundo Freud, “o Inconsciente é o verdadeiro reino do psiquismo” (Freud, 1987, p. 96). O pré-consciente, por sua vez, representa as informações que podem ser facilmente acessadas à consciência, mas que não estão presentes no momento. Já o consciente é a instância da mente em que as informações são percebidas de forma clara.

Do que foi exposto, podemos resumir que o inconsciente é composto por conteúdos que são reprimidos ou censurados pela parte consciente do psiquismo. Em outras palavras, aspectos que achamos inaceitáveis ou que não queremos enfrentar conscientemente são “empurrados” para o inconsciente. Esses conteúdos reprimidos podem incluir desejos sexuais, traumas, memórias dolorosas e outros tipos de emoções e pensamentos que são considerados inaceitáveis pela parte consciente do aparelho psíquico. A grande descoberta da psicanálise, segundo Freud, consistiu em mostrar que o psiquismo é mais do que o consciente. Para Laplanche e Pontalis (1969, p. 307) “se fosse preciso concentrar numa palavra a descoberta freudiana, essa palavra seria incontestavelmente inconsciente”. Em uma de suas últimas obras, intitulada *Esboço de Psicanálise*, na qual Freud faz um balanço da trajetória de sua teoria, há uma passagem sobre a instância consciente em que se faz uma analogia desse conceito com a consciência filosófica:

Ao longo deste trabalho, as distinções que descrevemos como qualidades psíquicas se impõem à nossa atenção. Não há necessidade de caracterizar o que chamamos de “consciente”: é o mesmo que a consciência dos filósofos e do senso comum. Tudo o mais que é psíquico é, em nosso ponto de vista; “o inconsciente”. Logo somos levados a fazer uma divisão importante nesse inconsciente. Alguns processos se tornam facilmente conscientes; podem depois deixar de ser conscientes, mas podem mais uma vez tornar-se conscientes sem qualquer dificuldade: como as pessoas dizem, podem ser reproduzidos ou lembrados. Isto nos faz lembrar que a consciência é, em geral, um estado altamente fugaz. O que é consciente é consciente só por um momento. (Freud, 1940/1996, p. 173).

A experiência clínica fez com que o cientista Freud reformulasse sua teoria sobre nosso funcionamento psíquico. Essa mudança o levou a produzir, no ano de 1923, uma segunda tópica do aparelho psíquico. Nesta tópica, o aparelho psíquico é dividido o Id, o Ego e o Superego. Apesar de falarmos brevemente desta segunda tópica, é imprescindível destacar que a discussão que estamos fazendo neste artigo diz respeito ao que Freud nomeia de “feridas narcísicas” da humanidade. Estas, por sua vez, foram explanadas na obra *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*, que data de 1917 e que está centrada na primeira tópica do aparelho psíquico.³

O Id é a instância mais primitiva e inconsciente do aparelho psíquico. É responsável pelos impulsos instintivos e desejos primários que buscam satisfação imediata, sem considerar as regras sociais e morais (Laplanche; Pontalis, 1969). Freud descreve o Id como um “reservatório” de energia psíquica, regido pelo princípio do prazer.

O Ego é a instância intermediária entre o Id e a realidade, e é responsável pela parte consciente do aparelho psíquico. Ele é responsável por mediar os impulsos presentes no Id e as exigências da realidade externa, buscando encontrar um equilíbrio entre as demandas do Id e as restrições do mundo real e os imperativos morais do Superego. Segundo Freud, o Ego é regido pelo princípio da

3 Costa (2005, p. 22), destaca a importância da segunda tópica para a psicanálise, afirmando que ela “permite compreender as forças que estão em jogo na psicanálise, incluindo a resistência, a transferência e a contratransferência”. O autor ainda destaca que a segunda tópica do aparelho psíquico permite “uma compreensão mais adequada da natureza dos processos psíquicos e do papel da linguagem e da cultura na formação do sujeito”

realidade e tem como função principal a sobrevivência do indivíduo (Laplanche; Pontalis, 1969). Em *Esboço de Psicanálise*, Freud afirma:

São estas as principais características do ego: em consequência da conexão preestabelecida entre a percepção sensorial e a ação muscular, o ego tem sob seu comando o movimento voluntário. Ele tem a tarefa de autopreservação. Com referência aos acontecimentos externos, desempenha essa missão dando-se conta dos estímulos, armazenando experiências sobre eles (na memória), evitando estímulos excessivamente intensos (mediante a fuga), lidando com os estímulos moderados (através da adaptação) e, finalmente, aprendendo a produzir modificações convenientes no mundo externo, em seu próprio benefício (através da atividade). Com referência aos acontecimentos internos, em relação ao id, ele desempenha essa missão obtendo controle sobre as exigências dos instintos, decidindo se elas devem ou não ser satisfeitas, adiando essa satisfação para ocasiões e circunstâncias favoráveis no mundo externo ou suprimindo inteiramente as suas excitações (Freud, 1940/1996, p. 158).

Já o Superego é a instância moral do aparelho psíquico. Ele é responsável por incorporar os valores e normas sociais internalizadas pelo indivíduo, além de estabelecer padrões morais e éticos para o comportamento humano. O Superego é regido pelas regras e interdições internalizadas.

De acordo com Freud (2010), a relação entre essas três instâncias do aparelho psíquico é dinâmica e pode variar em função da história individual de cada pessoa: “as três instâncias não estão isoladas umas das outras, mas se comunicam se influem reciprocamente e se entrelaçam numa rede complicada de processos” (Freud, 2010, p. 44). Assim, o aparelho psíquico funciona como um sistema complexo e dinâmico que busca atender às demandas do indivíduo e do ambiente, equilibrando impulsos inconscientes com as necessidades da realidade. A compreensão do funcionamento do aparelho psíquico é fundamental para a teoria e prática psicanalíticas, pois permite aos profissionais entenderem a dinâmica interna do paciente e ajudá-lo a lidar com suas questões psicológicas e emocionais. Na obra *Freud e o inconsciente*, Garcia-Roza (2003) indica que características do inconsciente foram definidas qualidades psíquicas. O Id, repleto de energia instintiva, sem obediência ao princípio de não-contradição, à vontade coletiva, ao juízo de valor, ao que se constitui como bem ou mal, à moralidade, sem a ação da temporalidade é totalmente inconsciente. Estas eram as características do inconsciente na primeira tópica e passam a ser as do Id na segunda tópica. Já o Ego e o Superego possuem conteúdos cuja natureza é inconsciente, mas não são totalmente inconscientes como os que habitam o Id (Freud, 1940/1996).

Segundo o psicanalista André Green (2011, p. 78) a segunda tópica do aparelho psíquico “modifica radicalmente a teoria da mente, a partir de uma topografia estática para uma dinâmica estruturada em termos de processos de troca, transformação e transmissão de energia psíquica”. De acordo com o autor, essa mudança de perspectiva representa uma evolução significativa na teoria psicanalítica, permitindo uma compreensão mais abrangente e dinâmica dos processos psíquicos e das interações entre as diferentes instâncias da mente. Além disso, a ênfase na energia psíquica e nos processos de transformação e transmissão permite uma abordagem mais ampla e integrativa da psicanálise.

Costa (2005) salienta que um dos principais avanços dessa nova concepção foi a inclusão do conceito de inconsciente dinâmico, que passou a ser compreendido como um sistema organizado, regido por leis próprias e capaz de influenciar diretamente o comportamento e as emoções do indivíduo. Com isso, a psicanálise passou a considerar a mente como um campo de forças em constante interação, e não mais como um conjunto de instâncias estáticas. Além disso, a segunda tópica do aparelho psíquico permitiu a inclusão do conceito de ego, como uma instância psíquica responsável por mediar os conflitos entre as demandas do id e as exigências da realidade externa e da moralidade cativa ao superego. Nesse sentido, o ego passou a ser compreendido como uma função reguladora, responsável por manter o equilíbrio entre as diferentes instâncias psíquicas e pela adaptação do indivíduo ao ambiente.

Apesar dos avanços operados por Freud em sua teoria, cumpre dizer que este artigo tem uma delimitação temporal dentro do percurso da edificação da psicanálise. Centra-se na discussão sobre a tese freudiana de que a sua ciência promoveu uma ferida narcísica na ideia de que somos

apenas seres de consciência, como se advogava antes dele. Por isso, nos interessa o conceito de inconsciente enquanto instância psíquica que compõe nosso aparato anímico, junto com o consciente e o pré-consciente. Em outros termos, nos interessa a concepção de psiquismo defendida por Freud na ocasião de sua discussão sobre as feridas narcísicas, nos interessa a primeira tópica. Mas antes de apresentarmos a maneira como Freud pensa os golpes científicos que abalaram a humanidade, convém falar, ainda que em traços cargos, sobre o começo das formulações freudianas. O que nos coloca diante de uma patologia específica, a histeria.

3 O COMEÇO DE TUDO: A HISTERIA

Antes de apresentarmos os argumentos de Freud sobre as feridas narcísicas, convém falar um pouco sobre o começo de suas pesquisas. A histeria foi uma das primeiras doenças psicológicas descritas por Sigmund Freud em parceria com o médico Josef Breuer (Freud; Breuer, 1893/1996). Eles acreditavam que a histeria era causada por traumas psicológicos reprimidos que se manifestavam fisicamente em sintomas como paralisia, cegueira, convulsões, dentre outros.

Segundo Freud (1912/2004), os sintomas histéricos eram uma forma de expressão simbólica do conflito psicológico interno. Ele desenvolveu uma forma escuta para ajudar seus pacientes a acessar esses conflitos reprimidos e lidar com eles. Inicialmente recorreu à hipnose, ao método catártico, mas posteriormente, estabeleceu a associação livre como sua metodologia clínica. Esse método consistia em pedir que o paciente dissesse qualquer coisa que viesse à mente, sem censura ou julgamento. Mas antes deste método, foi a hipnose a via escolhida para acessar o conteúdo esquecido, ou seja, o conteúdo inconsciente:

Uma observação casual levou-nos, durante vários anos, a pesquisar uma grande variedade de diferentes formas e sintomas de histeria, com vistas a descobrir sua causa precipitante - o fato que teria provocado a primeira ocorrência, muitos anos antes com frequência, do fenômeno em questão. Na grande maioria dos casos não é possível estabelecer o ponto de origem através da simples interrogação do paciente, por mais minuciosamente que seja levada a efeito. Isso se verifica, em parte, porque o que está em questão é, muitas vezes, alguma experiência que o paciente não gosta de discutir; mas ocorre principalmente porque ele é de fato incapaz de recordá-la e, muitas vezes, não tem nenhuma suspeita da conexão causal entre o evento desencadeador e o fenômeno patológico. Via de regra, é necessário hipnotizar o paciente e provocar, sob hipnose, suas lembranças da época em que o sintoma surgiu pela primeira vez; feito isso, torna-se possível demonstrar a conexão causal da forma mais clara e convincente (Freud; Breuer, 1893/1996, p. 39).

Os sintomas da histeria podiam variar de paciente para paciente, mas geralmente envolviam sintomas físicos inexplicáveis do ponto de vista anatomofisiológico e envolviam paralisia, tremores, cegueira, surdez, pequenos ataques epileptóides, entre outros. Os sintomas poderiam se manifestar em diferentes partes do corpo e, mediante tratamento inicial, mudar ou desaparecer completamente com o tempo. De acordo com Freud e Breuer (1893/1996), a complexidade e a diversidade dos sintomas histéricos evidenciavam a natureza multifacetada dessa condição psicopatológica. Os estudos realizados por Freud e Breuer com pacientes histéricos mostraram que a ab-reação era uma etapa importante no processo de cura desses pacientes. Eles descobriram que a escuta dos enunciados sobre a origem dos sintomas do paciente e a identificação das experiências traumáticas subjacentes eram cruciais para que estes expelisses memórias dolorosas. Ao reviver essas experiências traumáticas, o paciente era capaz de liberar a energia emocional contida, aliviando seus sintomas. O método catártico estimulava a ab-reação que era pensada como o processo pelo qual o indivíduo revive o evento traumático e o reprocessa conscientemente, permitindo que ele seja integrado à sua vida emocional e psicológica.

Como dissemos acima, Freud, em parceria com Breuer, experimentou inicialmente a hipnose como meio de extrair as lembranças reprimidas dos pacientes, buscando um efeito catártico. No entanto, ele logo percebeu que nem todos os pacientes eram suscetíveis à hipnose e passou a considerar a fala sem censuras como um método de investigação mais eficaz. Em função disso, adotou gradativamente a técnica da associação livre como a regra fundamental da psicanálise, permitindo o acesso mais fácil aos elementos capazes de liberar os afetos, as lembranças e as representações dolorosas (Fochesatto, 2011).

Ainda que a psicanálise tenha abandonado a hipnose e adotado o método da associação livre, convém explicar como a pesquisa começou, e o conceito de ab-reação é bem importante para isso. Ao ajudar os pacientes a processar adequadamente experiências traumáticas passadas, o psicanalista pode ajudá-los a superar sintomas psicológicos e a viver uma vida mais plena e satisfatória. Um evento é traumático porque na ocasião do acontecimento a pessoa não fez a ab-reação, conforme explica os autores:

Quando a reação é reprimida, o afeto permanece vinculado à lembrança. Uma ofensa revidada, mesmo que apenas com palavras, é recordada de modo bem diferente de outra que teve que ser aceita. A linguagem também reconhece essa distinção, em suas consequências mentais e físicas; de maneira bem característica, ela descreve uma ofensa sofrida em silêncio como “uma mortificação”. A reação da pessoa insultada em relação ao trauma só exerce um efeito inteiramente “catártico” se for uma reação *adequada* - como, por exemplo, a vingança. Mas a linguagem serve de substituta para a ação; com sua ajuda, um afeto pode ser “ab-reagido” quase com a mesma eficácia. Em outros casos, o próprio falar é o reflexo adequado: quando, por exemplo, essa fala corresponde a um lamento ou é a enunciação de um segredo torturante, por exemplo, uma confissão. (Freud; Breuer, 1893/1996, p. 23).

O método catártico estimulava uma ab-reação tardia, ou seja, com ele o indivíduo era encorajado a expressar livremente suas emoções e sentimentos relacionados ao evento traumático, liberando a energia emocional que estava contida. Com o trabalho solo, depois deste feito com Breuer, Freud (1912/2004) passa a entender os sintomas da histeria e das neuroses em geral como uma expressão de conflitos internos de natureza sexual. Ele acreditava que os pacientes psiconeuróticos estavam sofrendo de traumas psicológicos reprimidos que eram expressos através dos sintomas, sejam de conversão histérica, de fobia ou de neurose obsessiva. De acordo com a teoria freudiana, os traumas carregam conteúdos que foram reprimidos no inconsciente devido ao seu caráter perturbador ou ameaçador.

No início de suas pesquisas, Freud se dá conta de que esses traumas podem ser relacionados a experiências sexuais, abuso, violência ou outros tipos de eventos traumáticos que a pessoa experimentou durante a vida. O tratamento da histeria, para Freud, envolvia a exploração do trauma subjacente que causou os sintomas. Ele acreditava que o processo de lembrar, reconhecer e expressar o trauma era fundamental para a cura. Através da análise do inconsciente, Freud descobriu que os traumas reprimidos podiam ser relacionados a experiências sexuais e a agressões sofridas na infância, por exemplo. (Freud, 1896/1996).

O trauma ocorrido na vida de uma pessoa deixa marcas psicológicas profundas. Freud, ainda no fim do século XIX, passou a argumentar que essas marcas reprimidas no inconsciente eram de natureza sexual. Aprendemos com Freud que a maior parte do que fazemos e pensamos é determinada por motivos inconscientes, é mobilizada por forças das quais não temos consciência. Esses motivos inconscientes são em grande parte determinados por impulsos e desejos reprimidos, que estão fora do alcance da consciência, mas que ainda assim exercem um forte impacto na vida psíquica do indivíduo.

É importante destacar que, para Freud, a noção de inconsciente não se limita apenas aos aspectos negativos ou patológicos da psique. Pelo contrário, ele acreditava que muitos dos processos mentais mais positivos e criativos também têm origem no inconsciente. Ele afirmou várias vezes que a maioria das criações culturais e intelectuais também está relacionada ao inconsciente, uma vez que são processos sublimatórios de desejos reprimidos.⁴

O conceito de inconsciente é uma peça-chave da teoria psicanalítica e o exame clínico da histeria ofereceu ao pai da psicanálise as condições para formulá-lo e sistematizá-lo. Ele nos alertou para a seletividade de nossas memórias, para as lacunas em relação aos primeiros anos da infância e em relação a eventos traumáticos e impactantes. Laplanche e Pontalis (1969, p. 30) destacam que a amnésia infantil “é tanto mais importante quanto os elementos da vida psíquica que se formam nos primeiros anos influem profundamente na evolução ulterior da personalidade”.

4 Laplanche e Pontalis (1969, p. 495) definem o conceito de sublimação como um “processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual”. Os autores citam ainda alguns exemplos que o próprio Freud pontuou para descrever atividades de sublimação: “a atividade artística e a investigação intelectual”.

Dessa forma, a amnésia infantil é um elemento chave para a compreensão da psicodinâmica da personalidade e das neuroses.

Freud (1987) considera o inconsciente como a fonte dos nossos desejos, impulsos e motivações mais primitivas e muitas vezes inaceitáveis socialmente. Segundo ele, “o inconsciente é a maior parte da mente, e a mais importante em termos de motivação e determinação” (Freud, 1987, p. 205). Isso significa que a maior parte da nossa vida mental é governada por impulsos e desejos que não temos consciência e que estão fora do nosso controle consciente. No entanto, o inconsciente não é completamente separado do consciente e do pré-consciente. Cabe destacar a repressão, que é um processo que envolve a retirada de conteúdos mentais da consciência e o seu armazenamento no inconsciente. A repressão é um recurso utilizado para evitar sentimentos desconfortáveis ou conflitos internos. A repressão tem por objetivo manter afastadas da consciência as representações e lembranças dolorosas e perturbadoras, que se originaram de desejos inaceitáveis ou que de outra forma não puderam ser integradas à vida psíquica normal. (Freud, 1987). Os conteúdos reprimidos, no entanto, não ficam completamente inacessíveis à consciência. Esses conteúdos podem retornar à superfície através de mecanismos como os sonhos, lapsos de memória, chistes, sintomas. E é através do processo de reconhecimento e elaboração desses conteúdos que a pessoa pode lidar com os conflitos e liberar a energia psíquica que estava sendo investida na repressão. Desse modo, a repressão é a operação pela qual o sujeito tenta manter fora da consciência tudo o que é penoso ou perturbador, por essa razão, os sintomas psicológicos presentes em patologias como a histeria, são a manifestação de desejos reprimidos que emergem do inconsciente (Freud, 1987).

Cumprir destacar que o conceito de inconsciente não se limita apenas à teoria psicanalítica. Ele também influenciou outras áreas do conhecimento, como a arte e a literatura. Muitos artistas e escritores foram inspirados pelo conceito de inconsciente de Freud, como Salvador Dalí, René Magritte e James Joyce, que exploraram a natureza do inconsciente em suas obras. Para Freud (1987), o inconsciente e a racionalidade humana são duas forças antagônicas que coexistem na mente do indivíduo. Enquanto a racionalidade é responsável pela nossa capacidade de pensar, planejar e tomar decisões conscientes e logicamente embasadas, o inconsciente é uma força poderosa que influencia nossas emoções, desejos e comportamentos de forma automática e impulsiva.

Freud acreditava que o inconsciente era uma fonte poderosa de emoções reprimidas e impulsos instintivos, que muitas vezes não podem ser alcançados pela razão e pela lógica. Ele argumentou que essas emoções e impulsos são tão poderosos que poderiam afetar nosso comportamento consciente, mesmo que não estivéssemos cientes disso. Por exemplo, argumentou que muitos dos comportamentos aparentemente irracionais que observamos em nós mesmos e nos outros, como medos inexplicáveis, compulsões e fobias, eram na verdade o resultado de forças inconscientes que não podíamos controlar diretamente. Essas forças poderiam ser desencadeadas por experiências passadas, desejos reprimidos ou outras formas de trauma emocional. Para Freud, o tratamento científico do conceito de inconsciente operacionalizado por sua psicanálise provocou uma ferida narcísica na humanidade.

4 FERIDAS NARCÍSICAS DA HUMANIDADE

Em 1917 Freud publica o ensaio “*Uma dificuldade no caminho da psicanálise*”. Nesse texto, ele menciona que se propõe a descrever como o narcisismo universal sofreu três severos golpes por parte das pesquisas científicas. Esses três golpes são como feridas e se referem a momentos importantes da história em que a ciência, ao questionar a autoimagem grandiosa e onipotente do ser humano, causou uma crise na autoestima e na autoconfiança da humanidade (Freud, 1917/1996).

A primeira ferida narcísica mencionada por Freud (1917/1996) é a descoberta de que a terra não é o centro do universo. Essa descoberta foi feita no século XVI por Nicolau Copérnico, e foi confirmada posteriormente por Galileu Galilei. Antes dessa descoberta, a humanidade acreditava que a terra era o centro do universo, e que tudo que existia orbitava ao seu redor. Essa crença dava aos seres humanos uma sensação de importância e de superioridade em relação ao restante do universo. Com a descoberta de que a terra é apenas um dos muitos planetas que orbitam ao redor do sol, a humanidade teve que lidar com a ideia de que não é tão importante quanto imaginava.

Nas primeiras de suas pesquisas, o homem acreditou, de início, que o seu domicílio, a Terra, era o centro estacionário do universo, com o sol, a lua e os planetas girando ao seu redor. Seguiu, assim, ingenuamente, os ditames das percepções dos seus sentidos, pois não sentia movimento na Terra, e, todas as vezes que conseguia uma visão sem obstáculos, encontrava-se no centro de um círculo que abarcava o mundo exterior. A posição central da Terra, de mais a mais, era para ele um sinal do papel dominante desempenhado por ela no universo e parecia-lhe ajustar-se muito bem à sua propensão a considerar-se o senhor do mundo. A destruição dessa ilusão narcisista associa-se, em nossas mentes, com o nome e a obra de Copérnico, no século XVI. (Freud, 1917/1996, p. 149).

Para Freud (1917/1996) nossa ilusão narcisista de que éramos senhores de tudo, sofreu um abalo com a descoberta de que a terra não é o centro do universo; isso foi um dos primeiros achados científicos que desafiaram a posição central do ser humano no mundo. A destruição dessa ilusão narcisista, ou seja, a percepção de que a humanidade não ocupa uma posição privilegiada no universo, está associada ao trabalho de Copérnico no século XVI. No entanto, Freud ressalta que questionamentos sobre a posição da terra já haviam sido levantados muito antes desse período, a exemplo dos pitagóricos no século III a.C. Lembra que Aristarco de Samos já havia afirmado que a terra era menor que o sol e orbitava ao seu redor. Portanto, antes da grande descoberta de Copérnico, existiam indícios e teorias que apontavam para a verdade heliocêntrica.

No momento em que a descoberta de Copérnico ganhou reconhecimento geral, ocorreu o que Freud (1917/1996) chamou de “golpe cosmológico”, referindo-se ao impacto que essa mudança de paradigma teve sobre o amor-próprio da humanidade. Essa mudança na compreensão do lugar da terra no cosmos abalou a visão antropocêntrica e forçou a humanidade a pensar numa perspectiva diferente, diminuindo a importância atribuída ao ser humano dentro do universo.

Esse “golpe cosmológico” evidencia a importância dos avanços científicos e do pensamento crítico ao longo da história, demonstrando que a descoberta de Copérnico não foi uma ruptura abrupta no conhecimento, mas sim a consolidação de uma trajetória de questionamentos e reflexões sobre a posição da terra. (Freud, 1917/1996). Para o pai da psicanálise, é importante reconhecer a necessidade de lidar com os impactos emocionais e psicológicos decorrentes de grandes mudanças nas concepções do mundo e da própria identidade humana.

A segunda ferida narcísica mencionada por Freud (1917/1996) é a descoberta de que a animalidade do homem não segue regras e leis distintas das dos demais animais. Essa descoberta foi feita no século XIX, graças aos estudos de Charles Darwin sobre a evolução das espécies. Antes dessa descoberta, a humanidade acreditava que havia sido criada à imagem e semelhança de Deus, e que era diferente e superior aos outros animais. Com a descoberta da evolução das espécies, a humanidade teve que lidar com a ideia de que é apenas mais uma espécie animal, sem uma origem divina especial.

O homem não é um ser diferente dos animais, ou superior a eles; ele próprio tem ascendência animal, relacionando-se mais estreitamente com algumas espécies, e mais distanciadamente com outras. As conquistas que realizou posteriormente não conseguiram apagar as evidências, tanto na sua estrutura física quanto nas suas aptidões mentais, da analogia do homem com os animais. Foi este o segundo, o golpe biológico no narcisismo do homem. (Freud 1917/1996, p. 150).

Freud (1917/1996) argumenta que, embora os seres humanos tenham se destacado em muitas áreas, incluindo tecnologia, ciência e cultura, não se pode ignorar o fato de que somos seres biológicos que evoluímos a partir de espécies animais mais antigas. Isso significa que temos muitas semelhanças com outros animais, o que pode ser difícil de aceitar para algumas pessoas que se consideram superiores aos animais.

Sobre a posição narcísica do homem em relação aos demais animais, Freud destaca a evolução da relação entre o homem e os animais ao longo do desenvolvimento da civilização. Inicialmente, o homem adquiriu uma posição dominante sobre as outras criaturas do reino animal. No entanto, não estando plenamente satisfeito com essa supremacia, começou a estabelecer uma separação entre sua própria natureza e a dos animais. Uma das maneiras pelas quais o homem afastou-se dos animais foi não lhes reconhecendo a posse da razão. Ao mesmo tempo, atribuiu a si próprio uma alma imortal, reivindicando uma suposta ascendência divina que o permitiria romper o laço de comunidade com o reino animal.

É interessante observar que Freud (1917/1996) menciona que esse aspecto de arrogância é estranho às crianças e às civilizações mais primitivas. As crianças, por exemplo, não usam nomes de animais para depreciar alguém, já os adultos fazem isso constantemente. Isso sugere, de acordo com o pai da psicanálise, que a ideia de superioridade e separação entre o homem e os animais é algo que se desenvolve ao longo do tempo, possivelmente influenciado por fatores culturais, sociais e individuais.

Freud (1917/1996) também menciona o totemismo primitivo como um exemplo em que o homem não tinha repugnância em atribuir sua ascendência a um ancestral animal. Para ele, em estágios anteriores da evolução cultural, o homem sentia uma conexão mais próxima com os animais, reconhecendo sua importância como parte integrante do mundo natural. A discussão proposta por Freud levanta questões sobre a relação complexa e mutável entre o homem e os animais ao longo da história. Ela nos convida a refletir sobre as crenças, valores e percepções que moldam essa relação, bem como a considerar a importância de uma visão mais equilibrada e respeitosa em relação aos outros seres vivos que compartilham o planeta conosco.

A percepção de que o homem é o centro e não tem relações com a evolução de todas as espécies animais sofreu um golpe causando uma segunda ferida narcísica. Como já citamos acima, Freud (1917/1996) afirma que a crença generalizada de que o homem é fundamentalmente distinto dos animais ou superior a eles foi abalada pela pesquisa conduzida por Charles Darwin e aqueles que trabalharam com ele ou influenciaram sua pesquisa destruíram a noção de que os humanos são uma espécie distinta do reino animal. O pai da psicanálise salienta que as evidências revelam que os humanos, de fato, têm ancestrais animais e compartilham laços genéticos estreitos com algumas espécies, embora sejam parentes mais distantes de outras. Apesar de suas conquistas subsequentes, a estrutura física e as habilidades cognitivas do homem fornecem ampla evidência de suas semelhanças com os animais. Essa revelação biológica da conexão do homem com os animais, foi o segundo grande golpe nas tendências narcísicas da humanidade. Freud acreditava que aceitar esse golpe biológico era importante para o desenvolvimento psicológico saudável e a construção de uma visão de mundo mais realista e humilde.

A terceira ferida narcísica mencionada por Freud (1917/1996) é de natureza psicológica e se relaciona com a descoberta do inconsciente feita por ele. Antes dessa descoberta, a humanidade acreditava que tinha pleno controle sobre seus pensamentos e que era a consciência que definia nossa existência, que a certificava. Essa visão foi defendida por vários filósofos, dentre eles Rene Descartes. Em sua forma de entendimento, a razão era tida como a única forma confiável do conhecimento, e era a base para a filosofia, a ciência e a moralidade (Descartes, 2006). Nessa concepção, a razão é a única força capaz de governar a mente humana. No entanto, a partir da visão sobre o inconsciente defendida por Freud, a humanidade teve que lidar com a ideia de que muitas das suas ações e pensamentos são influenciadas por forças inconscientes e irracionais que estão além do seu controle consciente. Apesar de não mencionar Descartes diretamente, Freud indica que sua posição entra em choque com a filosofia. Vale lembrar que a filosofia cartesiana defende que a certeza do existir humano atrela-se ao seu ato de cogitar, à sua capacidade de ter ideias claras e distintas, de raciocinar com método. Sua filosofia partiu da dúvida em busca de certeza e esta chegou à conclusão que é o ato de cogitar, de pensar, que nos permite que nos asseguremos de nosso existir. Esta certeza tornou-se base para a possibilidade de se pensar a partir de métodos, de ideias claras e distintas.

Marques (1993), em seu livro *Descartes e sua concepção de homem* sustenta que a afirmação “Penso, logo existo” não sugere que a existência de alguém seja derivada de seus pensamentos por meio de dedução lógica, mas sim como uma verdade inerente. Essa verdade se torna clara porque é o conceito mais básico e fundamental que o cérebro humano pode conceber. Vejamos então como Marques (1993) conduz sua argumentação sobre Descartes:

Nos *Princípios* Descartes diz que “eu penso, eu existo é a proposição primeira e mais certa que se apresenta àquele que conduz por ordem seus pensamentos”. Ele reconhece que há elementos que devem ser reconhecidos como o pensamento, a existência e a certeza que por serem simples não precisam ser catalogados. (Marques, 1993, p. 76).

Segundo Marques (1993), quando Descartes procurou uma verdade indubitável foi confrontado com as antigas crenças do ensino escolástico, que sustentavam que ele era um homem. Mas isso o deixou com uma pergunta: o que exatamente é um homem? Ele considerou rotular a si mesmo como um “animal racional”, mas isso provou ser insuficiente, pois só levaria a mais questões e complexidades em relação às definições de “animal” e “racional”. Isso só levaria a um ciclo infinito de perguntas desconcertantes. O filósofo colocou sob suspeita as verdades especulativas e usou a dúvida hiperbólica como método, chegando à sua primeira verdade inabalável: a de que o *cogito* é que assegura a certeza do existir.

Descartes (2006; 2000) só considera a consciência racional como uma fonte fiável de crenças verdadeiras de uma maneira que os sentidos, por exemplo, não são. Além disso, o autor considera a consciência como uma fonte produtora de conhecimento. A mente então está consciente de todos os fenômenos mentais, não há nada escondido ou reprimido. Uma das teses cartesianas é que não pode haver na mente pensamento sem estar consciente disso. Essa premissa cartesiana é contestada por Freud (1917/1996) no chamado terceiro golpe, conforme pode-se observar na citação abaixo.

O terceiro golpe, que é de natureza psicológica, talvez seja o que mais fere. Embora assim humilhado nas suas relações externas, o homem sente-se superior dentro da própria mente. Em algum lugar do núcleo do seu ego, desenvolveu um órgão de observação a fim de manter-se atento aos seus impulsos e ações e verificar se se harmonizam com as exigências do ego. Se não se harmonizam, esses impulsos e ações são impiedosamente inibidos e afastados. (Freud 1917/1996, p. 150-151).

Freud (1917/1996) argumenta que, embora os seres humanos tenham uma percepção de si mesmos como seres racionais e controláveis, a verdade é que a mente humana é complexa e fragmentada, portanto, invadida por muitos impulsos e instintos que podem ser antagônicos e incompatíveis com regras morais e com condutas conscientes. Para lidar com essa complexidade interna, o ego (eu)⁵ desenvolve um órgão de observação que monitora seus próprios pensamentos e ações e tenta mantê-los em harmonia com as exigências da realidade. Contudo, nosso “eu” nem sempre consegue manter sobre controle a situação e os impulsos que habitam o inconsciente podem ser mais fortes do que as determinações conscientes.

Em determinadas doenças – incluindo as próprias neuroses que estudamos em particular –, as coisas são diferentes. O ego sente-se apreensivo; rebela-se contra os limites de poder em sua própria casa, a mente. Os pensamentos emergem de súbito, sem que se saiba de onde vêm, nem se possa fazer algo para afastá-los. Esses estranhos hóspedes parecem até ser mais poderosos do que os pensamentos que estão sob o comando do ego. Resistem a todas as medidas de coação utilizadas pela vontade, não se deixam mover pela refutação lógica e não são afetados pelas afirmações contraditórias da realidade. Ou então os impulsos surgem, parecendo como que os de um estranho, de modo que o ego os rejeita; mas, ainda assim, os teme e toma precauções contra eles. O ego diz para consigo: ‘Isto é uma doença, uma invasão estrangeira’. Aumenta sua vigilância, mas não pode compreender por que se sente tão estranhamente paralisado. (Freud, 1917/1996, p. 151).

Essa percepção de que a mente tem “estranhos hóspedes” mais poderosos que os pensamentos, causa uma terceira ferida narcísica, pois o indivíduo é levado a sentir que não tem controle completo sobre estes e que sua mente é mais fragmentada e complexa do que imaginava. Freud (1917/1996) argumenta que é importante aceitar a complexidade do aparelho psíquico e aprender a trabalhar com ela de forma construtiva. Em vez de tentar reprimir ou negar seus impulsos, é importante aprender a reconhecê-los e integrá-los em uma personalidade mais ciente de si.

Essa é uma grande revolução operada pela psicanálise: a ferida narcísica que destrona a ideia de que somos senhores de nossas ações, que somos seres apenas racionais. De acordo com Freud (2010) a distinção entre o consciente e o inconsciente na esfera psíquica é um pressuposto fundamental da psicanálise. Segundo o autor, essa diferenciação é essencial para compreender os processos patológicos que ocorrem na vida psíquica, bem como os seus aspectos saudáveis.

5 Como este texto freudiano é de 1917 e ainda vigorava a primeira tópica do aparelho psíquico, cujas instâncias são: Inconsciente, consciente e pré-consciente, quando usa a expressão Ego Freud está se referindo ao Eu, à concepção vigente de Eu.

Essas três feridas narcísicas, segundo Freud (1917/1996), foram responsáveis por uma crise na autoestima e na autoconfiança da humanidade. A psicanálise instaurou a terceira ferida e se apresentou à humanidade como método terapêutico e uma teoria que ajuda as pessoas a se conhecerem melhor, lidarem com seus conflitos e suas produções de sintomas. Em termos culturais, a psicanálise revoluciona porque nos obriga a reconhecer e aceitar as limitações de nossas pretensões racionais.

Segundo Freud (1917/1996) a psicanálise busca educar o “eu”, levando em consideração duas descobertas fundamentais. A primeira descoberta é a de que os instintos sexuais não podem ser completamente dominados, ou seja, a vida sexual não pode ser totalmente controlada ou reprimida. A segunda descoberta é a de que os processos mentais são, em sua maioria, inconscientes e só se tornam acessíveis ao ego (eu) por meio de percepções incompletas e distorcidas. Essas duas descobertas representam uma afirmação de que o ego não é o senhor absoluto de si mesmo, que não tem total controle sobre seus instintos sexuais e que sua consciência é limitada e imperfeita (Freud, 1917/1996). Essas afirmações podem ser vistas como um “golpe psicológico” no amor-próprio do ser humano, desafiando sua ideia de controle absoluto e de uma consciência plenamente abrangente.

De acordo com Freud (1917/1996), o “golpe psicológico” desafia a supremacia do ego, o qual não recebeu a psicanálise de bom grado e resistiu em acreditar nela. Por sua vez, a psicanálise confronta o ego humano de maneira prática, demonstrando como esses pontos tocam cada indivíduo. A psicanálise nos forçou a encarar os estranhos hóspedes que habitam o psiquismo humano e resistem à coação e à refutação lógica (Freud, 1917/1996). Sendo assim, a mente funciona numa hierarquia entre as instâncias superiores e as subordinadas, um labirinto de impulsos que se esforçam independentemente um do outro, muitos dos quais antagônicos e incompatíveis. Isso significa que o ego pode enfrentar desafios ao tentar controlar todos esses impulsos e instintos que emergem da mente (Freud, 1917/1996).

Nesse sentido, a consciência é fundamental para ajudar o ego a lidar com essa complexidade da mente. Por meio da consciência, nosso eu pode ter conhecimento do que está acontecendo e tomar decisões com base nessas informações. Mas, nos ensinou Freud, não é o eu consciente que responde por todas nossas ações, pensamentos, sonhos e atos falhos. O pai da psicanálise nos mostrou que a hipótese de uma instância inconsciente no psiquismo é legítima porque ele é composto por lacunas de memória e é frutífera, porque torna muitos de nossos comportamentos explicáveis. Por isso, esse conceito revoluciona a concepção contemporânea de ser humano e golpeia sua pretensão de ser definido apenas a partir da racionalidade. O pai da psicanálise argumenta que, assim como as descobertas de Copérnico, de Galileu e de Darwin abalaram a autoconfiança da humanidade, a sua própria descoberta acerca do inconsciente abalou a visão humana sobre a vida, sobre seu próprio eu. Essas feridas fizeram o ser humano perceber que não é o centro do universo, que não tem controle absoluto sobre o mundo e nem sobre si mesmo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos explorar a perspectiva freudiana sobre as feridas narcísicas. A primeira, de natureza cosmológica, consistiu na percepção de que a terra não era o ponto focal do universo, mas sim um minúsculo componente de um vasto sistema, fazendo a humanidade reavaliar sua posição. A segunda, de natureza biológica, desafiou ainda mais a ideia da superioridade humana, indicando que os humanos eram meramente animais com tendências animais inerentes às demais espécies. E a terceira, e a mais importante, a de natureza psicológica, evidenciou que a racionalidade não é o único elemento que responde pelo psiquismo, sendo o inconsciente o fator causal de muitas de nossas ações, reações, pensamentos, esquecimentos, desejos e impulsos. Esse golpe científico operado por Freud na crença humana sobre o poder da razão, nos fez ver que somos governados por forças e impulsos desconhecidos, que somos incapazes de compreender ou administrar totalmente nossas atitudes. Essa ferida narcísica nos forçou a perceber que a complexidade do ser humano vai além da visão filosófica que enfatiza a racionalidade consciente como o elemento distintivo da humanidade. Ao contrário de Descartes, que advogava que é a cogitação consciente que responde pela certeza de

nosso existir e fundamenta nossas ações, Freud entendeu que muitos de nossos comportamentos possuem causas que são inconscientes.

Através dessa análise, percebemos que o pensamento freudiano vai além do pensamento filosófico, especialmente o cartesiano, contemplando aspectos até então impensados, como a concepção de que o psiquismo é, em grande parte, inconsciente.

Descartes foi uma figura revolucionária que apresentou uma certeza advinda do cogito, entendendo o ser humano como sujeito do conhecimento racional. Freud tinha como horizonte essa visão de ser humano, mas revolucionou a compreensão de sua época ao aplicar o terceiro golpe narcísico contra crenças da humanidade. Essa mudança envolveu a descentralização do conhecimento consciente e apontou para a necessidade de se reconhecer reino do inconsciente. A discussão empreendida por Freud abalou a visão de homem que imperava na sociedade ocidental. Freud demonstrou, com sua teoria, que o indivíduo não é mais senhor sua própria morada, que sua consciência não responde por tudo que nós somos. Com a descoberta do inconsciente, Freud operou uma ferida na humanidade e nos forçou a examinar nossas memórias, comportamentos e impulsos reconhecendo que nem tudo está sob a luz da racionalidade

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BREUER, Josef. Freud, Sigmund. (1893). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar. In: **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Vol. II).

COSTA, J. F. **O enigma do sujeito: o sujeito na psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DESCARTES, R. **Discurso do Método**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

DESCARTES, R. **Meditações metafísicas**. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOCHESATTO, W. A cura pela fala. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte. 36, p. 165- 171, dez. 2011.

FREUD, S. O inconsciente. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1987. (Vol. XIV).

FREUD, S. (1923) Dois verbetes de enciclopédia. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (vol. XVIII).

FREUD, S. **O ego e o id**. Tradução de Renato Zwick. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987 (Vol. XX).

Freud, S. (1896). A etiologia da histeria. In: **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Vol. III).

FREUD, S. (1917). Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Vol. XVII).

FREUD, S. (1940). Esboço de psicanálise. In: **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Vol. XXIII).

FREUD, S. (1912) Alguns Comentários sobre o Conceito de Inconsciente na Psicanálise. In: **Obras completas de Sigmund Freud**. Tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004 (Vol. I).

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GEEN, A. **A vida, a morte e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1969.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

MARQUES, J. **Descartes e sua concepção de homem**. São Paulo: Loyola, 1993.

RIBEIRO, C. V. Freud e o *Methodenstreit*: um debate a partir dos 'Seminários de Zollikon'. **Diálogos Possíveis** (FSBA). Salvador, v. 13, p. 97-123, 2014.

